

PSICOPOLÍTICA EM BYUNG-CHUL HAN: NOVAS FORMAS DE CONTROLE NA CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Marco César de Souza Melo¹

Resumo:

O presente artigo aborda os meios de controle e sujeição exercidos mediante o emprego das tecnologias digitais de comunicação. A pesquisa tomou por base o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han exposto principalmente nas seguintes obras: *No enxame: perspectivas do digital*, *Sociedade da Transparência* e *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. A análise que o referido pensador realiza acerca dos meios técnicos, dos quais a sociedade atual dispõe, aponta para o fato de que as ferramentas digitais de interatividade atuam pelo menos de duas formas: atraindo os indivíduos para a contínua presença e participação no ambiente virtual e influenciando na produção de subjetividade dos usuários. Segundo o autor, a presença contínua no ambiente virtual modifica a experiência intersubjetiva das pessoas implicando na formação de perfis e tendências comportamentais que reforçam a sujeição e impedem a resistência. Esse seria o esquema básico de uma nova forma de dominação do homem na civilização tecnológica, forma essa que Byung-Chul Han denomina *psicopolítica*.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Psicopolítica. Dominação.

PSYCHOPOLITICS IN BYUNG-CHUL HAN: NEW FORMS OF CONTROL IN TECHNOLOGICAL CIVILIZATION

Abstract:

This article talks about the means of control exercised through the use of digital communication technologies. The research was based on the thinking of the South Korean philosopher Byung-Chul Han, exposed mainly in the following books: *In the swarm: perspectives of the digital*, *Society of Transparency* and *Psychopolitics - Neoliberalism and the new techniques of power*. The analysis that said thinker made about the technical means available to today's society points that digital interactivity tools work in at least two ways: attracting individuals to the continuous presence and participation in the virtual space and influencing the users' subjectivity. According to the author, the continuous presence in the virtual space alters the intersubjective experience of people, resulting in the formation of profiles and behavioral tendencies that reinforce subjection and prevent resistance. This is the basic scheme of a new form of domination of man in technological civilization, a form that Byung-Chul Han calls *psychopolitics*.

Keywords: Digital technologies. Psychopolitics. Domination.

1. Da técnica às tecnologias digitais

A sociedade atual está de tal maneira atravessada pelos diferentes meios tecnológicos que é complicado pensarmos em seu pleno equilíbrio e funcionamento prescindindo dos artefatos, ferramentas e serviços que a tecnologia nos proporciona. Esse

¹ Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/Sobral. E-mail: smarcocesar@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2531364578294056>.

predomínio dos meios técnicos como um dos pilares das sociedades capitalistas levou teóricos a considerar como objeto de pesquisa as implicações produzidas pela técnica na esfera da vida humana de diferentes formas. Um desses pensadores, Hans Jonas, chega a denominar a sociedade atual como “civilização tecnológica” em sua célebre obra *O Princípio Responsabilidade*. Nela o autor tenta sinalizar que o avanço da técnica se torna um empreendimento e que “somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores” (JONAS, 2006, p. 43). Assim, notamos que a presença dos meios tecnológicos se torna irrecusável justamente porque são esses meios integrantes da própria dinâmica que assegura o funcionamento das sociedades hodiernas.

Nos seus *Ensaio Filosófico*, ao tematizar o processo histórico da revolução científica e tecnológica, Jonas aponta as mudanças no devir humano sinalizadas pela incorporação dos meios técnicos avançados. Para o autor, essa incorporação “remodela as condições externas do nosso ser – isto é, o mundo onde vivemos –; ela remodela nossos modos de vida; e, finalmente – ou, talvez, antes de tudo –, ela remodela nosso modo de pensar” (JONAS, 2017, p. 85). Nesse sentido, Jonas nos conduz a pensar que é a presença de novas formas de técnica que implicam sobre as mudanças na ordem do pensar e agir humano, diferentemente do que pensa, por exemplo, Pierre Lévy. Para este último a técnica não se configura como uma espécie de entidade separada do homem, isto é, “(...) o mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico” (LÉVY, 1999, p. 19) e não podemos separar as duas coisas. Consoante o pensador francês “(...) a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real” (LÉVY, 1999, p. 20) que viria a influenciar os processos humanos. Com isso, o avanço tecnológico que marca a chamada civilização tecnológica é um enfoque do olhar que nos faz perceber como se manifesta ou se apresenta o ser do homem atual. Partindo desse ângulo de visão é que nos propomos extrair das linhas escritas por Byung-Chul Han os traços marcantes que caracterizam o homem nessa nova condição de predomínio das tecnologias, principalmente as tecnologias digitais².

² Ao longo do texto empregaremos a expressão “tecnologias digitais” para nos referir aos meios tecnológicos de comunicação que abrangem os canais virtuais dispondo diversos serviços de interação entre as pessoas, como serviços da internet, mídias sociais, redes sociais e outros.

Consoante Byung-Chul Han, a técnica, compreendida como extensão do homem e dispensada para o atendimento das necessidades³, deixou de ser a forma mais proeminente de manifestação do saber fazer. Com isso, o autor se alinha aos pensadores que delimitam uma diferença entre a técnica antes e depois da modernidade, como é o caso de Heidegger⁴ e Jonas, ao propor que a partir da modernidade a presença sempre mais expressiva dos meios técnicos reflete uma condição completamente nova no pensamento, na ação humana e nas organizações da sociedade como um todo. Para ele, a técnica é na atualidade muito mais que meio de suprir carências: ela se amolda aos esquemas próprios da dinâmica capitalista, contribuindo para a sua manutenção de diversas formas. Se no início da modernidade a técnica fora incorporada ao saber científico para fins do progresso humano, agora ela serve aos fins do capital, atuando pelo menos de duas maneiras: de um lado, contribuindo enquanto raciocínio procedimental, analisando os melhores esquemas e formas de produzir e gerar riqueza; de outro lado, pelos meios de aprisionamento e controle dos sujeitos reforçando a servidão, que, por sua vez, também contribui para a manutenção desse sistema.

Sobre esse segundo estado de coisas, Byung-Chul Han dá destaque para o modo como as tecnologias digitais açambarcam a vida humana. Ao longo dos últimos anos aprendemos a incorporar no nosso cotidiano diversos recursos tecnológicos, oferecidos como auxiliares das mais diversas tarefas com as quais nos ocupamos. Desde afazeres domésticos, processos de trabalho e até a comunicação foram paulatinamente atravessadas por esses artefatos, sem que muitas vezes notemos as modificações qualitativas que esses instrumentos acarretam na própria dinâmica dessas tarefas e os significados subjetivos que produzem.

Um dos traços marcantes da informática e tecnologias digitais em geral é a instauração de novas maneiras de contato e socialização. As chamadas mídias digitais trazem um verdadeiro leque de possibilidades de encontro, convivência, exposição e troca de

³ Jonas, por exemplo, ao definir os processos técnicos praticados anteriormente à modernidade diz que “(...) o conceito de técnica, grosso modo, denomina o uso de ferramentas e dispositivos artificiais para o negócio da vida” (JONAS, 2013, p. 27). Isso reflete a ideia de técnica como extensão do homem e mediação entre o mesmo e a natureza.

⁴ Na conferência *A Questão da Técnica*, Heidegger define o ato técnico como o *desencobrimento do ser*, isto é, a experiência do homem com a técnica é a experiência do pôr para fora, da presentificação de um conteúdo outrora encoberto. No entanto, a partir da modernidade o ato de desencobrimento do ser é orientado pelo que o autor chamou de *armação*, o que resulta no empobrecimento da experiência. A experiência da técnica na modernidade constitui, assim, momento do horizonte maior do esquecimento do ser, porque o homem moderno é, sobretudo, um fazedor de coisas, um cumpridor de tarefas, um manipulador de artefatos técnicos, um operador de funções mecânicas.

informações entre pessoas dos mais diversos lugares do mundo. Manuel Castells já apontava, no surgimento da internet, para uma nova situação social, na qual “(...) de certo modo, toda a realidade é percebida de maneira virtual” (CASTELLS, 1999, p. 395). Nesse sentido, a internet inaugura uma maneira virtual de experiência e de produção de sentidos que transcende os antigos limites da experiência não virtualizada, como a simultaneidade da presença e do contato com pessoas independente dos limites do espaço físico, o encurtamento das distâncias, a exposição generalizada da vida, a disseminação imediata de informações, dentre outras. Para Byung-Chul Han, entretanto, a experiência virtualizada acarreta diferenças expressivas no tocante à subjetividade, sendo uma das principais a formação do que o autor chamou de *enxame*, conceito contraposto à ideia de massa. Exploraremos no próximo tópico do texto o que caracteriza o *enxame* e como ele se diferencia da massa.

2. Tecnologias digitais e a formação de *enxames*

Na esfera das tecnologias da comunicação, Byung-Chul Han dirá que: “(...) arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente o nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto” (HAN, 2018, p.10). Para o autor, os instrumentos tecnológicos de comunicação não são objetos de nosso poder e vontade, antes disso são eles que amoldam o nosso agir através da conformação de nosso proceder dentro dos enquadramentos próprios de sua utilização. Um exemplo básico disso são as redes sociais: vendidas como instrumento de cultivo do eu e de socialização, elas são, na verdade, meios de condicionamento dos indivíduos. Isso se deve, dentre outros motivos, ao fato de que as redes sociais possuem modelos prontos de exposição e interatividade e, portanto, tudo se expressa dentro de uma fôrma que de algum modo torna homogêneo o estar em rede. Sendo assim, o autor nos conduz a pensar que as mídias digitais acarretam um modelo de agência no ambiente virtual que já aí condiciona as formas de expressão nas redes e as formas de interação entre os indivíduos⁵.

Embora as redes sociais tornem homogêneo o esquema de estar em rede, no sentido de que existe um formato essencialmente pré-programado do funcionamento da

⁵ No caso das redes sociais, Byung-Chul Han explica que seu modelo condicionante centraliza a exposição da vida e a constante troca de reações ao que é compartilhado. As reações funcionam muitas vezes como reforço à contínua exposição.

plataforma, seus conteúdos são justamente o oposto do homogêneo, já que preenchidos pelo que é postado pelos sujeitos usuários. Nelas, os sujeitos possuem um perfil individual e são estimulados a cultivar essa individualidade ao longo de uma linha do tempo. Ali eles podem expor seu cotidiano, seus interesses, os acontecimentos mais importantes da sua vida, enquanto entes singulares; podem expor opiniões, divergir de outrem, gerar discussões e disputas. Essa ideia de um perfil individual é o fator decisivo que Byung-Chul Han utilizará para exprimir seu conceito de *enxame* em contraposição ao de massa. Para o pensador as tecnologias digitais não produzem massas, mas *enxames*, justamente por conterem inúmeros perfis individualizantes e fragmentados.

Ao comentar a obra de Gustave Le Bon, *Psicologia das Massas*, Byung-Chul Han observa que aquela “alma” que o pensador francês considera ser o elemento unificador da massa desaparece nos *enxames* produzidos pelas redes digitais de comunicação. Segundo nosso autor, “o enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos” (HAN, 2018, p. 27). Isso, porque “(...) é primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea” (HAN, 2018, p. 27). Nesse sentido, tal como posto por Le Bon, a formação de uma massa depende da associação entre sujeitos que partilham algo em comum e que perdem no processo de união sua individualidade. A individualidade é substituída pelo conteúdo em comum que todos partilham, cujo predomínio maior transita muito mais pela emoção do que pelo uso do raciocínio. Essa seria, portanto, a essência da alma da massa (LE BON, 1980). Na massa se substitui o eu pelo nós, isto é, o sujeito renuncia ao cultivo de si aderindo a um grupo⁶. A identidade do grupo passa a ser assumida como sua identidade.

O *enxame* em Byung-Chul Han seria definido como o aglomerado de indivíduos em torno de uma rede digital de comunicação. Os sujeitos a ele agregados não estão ali porque compartilhem de uma voz uníssona, de uma ideia comum entre todos. Ao contrário, as redes criadas no ambiente virtual são lugar do cultivo da individualidade. E se na massa o

⁶ Comentando a obra de Le Bon, também Freud descreve que o processo psíquico de massificação comporta a troca da identidade individual pela grupal. Estando o sujeito na massa, “(...) sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida, para um nivelamento com os outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências” (FREUD, 2011, p. 39).

indivíduo enquanto personalidade privada se torna ninguém em face da identidade do conjunto, o sujeito do *enxame*

(...) preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do *enxame*. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um *perfil* e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser “ninguém”, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção. O ninguém do meio de massas, em contrapartida, não reivindica nenhuma atenção para si mesmo. A sua identidade privada é dissolvida. (HAN, 2018, p.28).

Segundo o autor a formação *enxame* apenas agrega a grande quantidade de pessoas que estão interligadas em rede, mas não há necessariamente, nessa associação, um conteúdo massificador. O *enxame* é aquilo que resulta dos esquemas padronizados das tecnologias digitais de comunicação, como no caso das redes sociais, por exemplo. A estrutura padrão atrai as pessoas, convida-as a fazer parte das redes pela criação de contas individuais e pela presença constante postando e vendo postagens. Contudo, o fato do conteúdo do que é postado servir como elemento de individuação, ou seja, de cultivo de uma possível personalidade ou identidade, não permite formação de massas.

Um dos principais riscos do processo de *enxame* seria a constante fragmentação que dificultaria os processos de reunião e organização entre sujeitos. De acordo com o exposto, um traço marcante do *homo digitalis*, nomenclatura empregada por Byung-Chul Han para designar o indivíduo participante das redes, é o isolamento e a fixação no cultivo da própria identidade virtual. Com isso, os partícipes das redes estão sempre em risco de isolamento, de que a singularização que os movimenta inviabilize “(...) a interioridade da reunião que produziria um nós” (HAN, 2018, p. 29).

Esse aspecto revela um paradoxo das redes digitais de comunicação, pois elas, ao mesmo tempo em que pretendem favorecer a socialização, terminam por promover um solipsismo virtual. A interação que se pretende acontecer entre usuários de redes se torna muitas vezes reduzida ao compartilhamento de conteúdos e reações a essas postagens. Aqui a preocupação primeira dos sujeitos é cultivar o seu perfil, produzir conteúdo em torno da sua identidade virtual individual e, até mesmo, competir por atenção e retorno às postagens. Isso nos leva a pensar que os meios digitais de exposição estimulam comportamentos narcísicos em vez de promover de fato o encontro, o reconhecimento do outro e a partilha da experiência.

Byung-Chul Han fala que o *exame* também funciona como empecilho à mobilização social por conta justamente da desagregação dele decorrente. Outro fator de destaque para Byung-Chul Han é a efemeridade dos grupos de redes digitais, já que segundo o autor “(...) eles se dissolvem de maneira tão rápida quanto surgiram. Por causa dessa efemeridade, eles não desenvolvem nenhuma energia política” (HAN, 2018, pp. 30-31). Sendo assim, a desagregação e a efemeridade dos *exames* compromete a mobilização social em torno de causas ou, no mínimo, coloca em questão as possibilidades de articulação das tecnologias digitais como meios de resistência e transformação social.

Isso se deve, assevera o autor, ao fato de que o espaço da internet em geral é marcadamente movimentado pelo interesse capitalista. É nítido o emprego do *marketing* digital nas mais diversas plataformas digitais e redes sociais em geral. O usuário do ambiente virtual, o *homo digitalis* no dizer de Byung-Chul Han, é exposto em todo momento à propaganda e a mecanismos que o afetam e influenciam. Assim, em resumo:

O sujeito econômico neoliberal não forma nenhum “Nós” capaz de um agir conjunto. A egotização crescente e a atomização da sociedade leva a que os espaços para o agir conjunto encolham radicalmente e impede, assim, a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista. O *sócius* (“social”) dá lugar ao *solus* (“sozinho”). Não a multidão, mas sim a solidão caracteriza a constituição social atual. Ela é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma. (HAN, 2018, p. 33).

74

O *homo digitalis* é convidado a transformar seu perfil em objeto de investimento, torna-o prioridade no ambiente virtual. A concentração em alimentar os perfis conduz à reclusão do sujeito em torno de si ou daquilo que ele projeta nesse perfil virtual que o representa. Esse mecanismo reflete um teor presente no mercado, que é o do investimento em si mesmo, da busca da construção da felicidade individual. Tudo isso fragmenta e dificulta, segundo Byung-Chul Han, um agir coletivo em torno de causas que poderiam ser comuns. Isso só ocorre porque as tecnologias digitais têm a capacidade de capturar o sujeito usuário de muitas formas, resultando no que Byung-Chul Han chamou de *psicopolítica*. No próximo tópico abordaremos o conceito de *psicopolítica* e os esquemas de captura da subjetividade.

3. A *psicopolítica* e as novas formas de controle no ambiente virtual de comunicação

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p.68-81
--------------------------	-------	-------	--------------------	---------

As obras *Sociedade da transparência* e *No Enxame: perspectivas do digital* apresentam o exame de Byung-Chul Han acerca das relações do sujeito atual, usuário das diversas redes que compõem as tecnologias digitais de comunicação. A obra *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* aborda os mecanismos de controle presentes nessas tecnologias digitais e seus efeitos sobre a subjetividade dos usuários. A seguir discutiremos os principais apontamentos de Byung-Chul Han nessas obras.

Ao que parece, as redes digitais de interatividade não promovem um encontro, mas apenas um aglomerado de indivíduos representados por seus perfis. A vida na rede não é espontânea, mas condicionada aos recursos técnicos que a ferramenta virtual oferece: postagens, compartilhamentos, reações emotivas, comentários. Como dito anteriormente, essas redes dispõem formas novas de experimentar o contato. Graças a ferramentas como o Skype, diz Byung-Chul Han,

(...) podemos estar próximos 24hs por dia, mas olhamos continuamente um através do outro. Não é só a ótica da câmera que é responsável pelo ter-de-olhar-através-do-outro. Antes ela aponta para o olhar fundamentalmente faltante, para o outro enquanto ausente. (HAN, 2018, p. 47).

75

O encontro na rede social acentua muito mais a ausência do que a presença, reforça que o outro não está de fato presente. Isso se torna ainda mais evidente, diz o autor, se atentarmos para o fato de que nos relacionamos, via de regra, com o que é postado e não com o que as pessoas são de fato. O pensador sul coreano alerta que há sempre o perigo de que o perfil na rede social seja uma projeção, que contém os caracteres de um eu ideal. As fotografias antes de serem postadas podem ser editadas, reformuladas, projetadas para uma conformidade a uma ideia de eu almejada. Com isso o autor nos provoca a reflexão sobre a autenticidade do encontro nas redes digitais, sobre se a presença pode ser de fato considerada uma presença, uma vez que o conteúdo postado é uma representação, que inclusive pode ser reformulada. Não obstante esses fatores, o traço marcante dessas redes de comunicação é o compartilhamento e o consumo de conteúdo produzido pelos perfis.

A visibilidade torna-se o *telos* do trabalho nas redes digitais e as reações ao que é exposto funcionam como balizadoras do conteúdo compartilhado. Quanto maior for o número de *likes* e comentários, mais reforço é conferido ao indivíduo para prosseguir compartilhando seu conteúdo. Os *likes* também balizam o que deve e o que não deve ser postado, aquilo que agrada mais ou que desagrada. Nesse sentido, pontua nosso autor, há sujeitos que vivem em função da visibilidade e do compartilhamento de conteúdo: de um lado aqueles que

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p.68-81
--------------------------	-------	-------	--------------------	---------

transformam a sua própria vida como objeto de exposição e consumo, os chamados influenciadores digitais⁷; de outro lado estão os que por identificação com as postagens consomem as produções e fidelizam-se aos influenciadores.

Parafraseando Walter Benjamin, Byung-Chun Han diz que no regime de visibilidade comum da sociedade hodierna,

(...) as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultural desaparece em função de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo a sua existência perde totalmente a importância. Pois tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. A coação por exposição, que coloca tudo a mercê da visibilidade, faz desaparecer a aura enquanto manifestação de uma distância. (HAN, 2017, p. 28).

A singularidade se perde no processo de publicação e visibilidade, o ser enquanto unidade parece não se transmitir por via da exposição massiva das redes sociais. Assim, tal como ocorre com a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, a imagem do homem torna-se também reprodutível, disseminada exaustivamente pelos diversos canais de circulação virtual. Uma vez na rede, a imagem é só mais uma dentre tantas que circulam no espaço virtual e que estão sujeitas ao julgamento do *like* ou *dislike*. Mesmo que seja objeto de apreciação e receba muitas curtidas, a imagem é sempre passageira e momentânea, pois os processos de aceleração da sociedade da transparência, afirma o autor, coagem para a continuação das postagens. Não há demora, não há contemplação do postado, não há tampouco reflexão sobre um possível conteúdo exposto ali. Nos aplicativos de encontros todos ali fazem parte de um enorme cardápio no qual são objeto de apreciação e de desejo. Aquilo que não agrada é descartado apenas com o passar dos dedos. Nesse sentido, o pensador nos sugere que os mesmos regimes de exposição e visibilidade que prometem o cultivo da singularidade e a individuação colocam os homens mais uma vez sob o jugo da coisificação que empobrece a experiência dos vínculos e relações; eis aí uma contradição das tecnologias digitais.

O regime que submete tudo à exposição também produz implicações no âmbito da verdade, confrontada por Byung-Chul Han com a mera informação. O filósofo nomeia o

⁷ Influenciador digital é uma pessoa que possui canais digitais pelos quais se comunica com um público fiel. Ele exerce influência sobre esse público de modo a incentivar seu comportamento em geral e seu perfil de consumo.

processo de publicização de conteúdos nas diversas redes como *positividade*. O positivo aqui define a afirmação do expor enquanto norma tácita, quase irremediável, uma vez que quase não se questiona a exposição e transparência na rede. Nesse contexto de *positividade* elimina-se a negatividade que poderia cumprir o contraponto desse processo. Enquanto a *positividade* caminha na exposição e visibilidade, se aglomeram as informações. Mas informação não significa verdade. Sobre isso, afirma Byung-Chul Han:

(...) a informação é cumulativa e aditiva, enquanto a verdade é exclusiva e seletiva. Diferentemente da informação, ela não produz um monte. É que não se é confrontado com ela frequentemente. Não há massas de verdade, mas há em contrapartida, massas de informação. Sem a negatividade se chega a uma massificação do positivo. Por causa da sua positividade, a informação também se distingue do saber. O saber não está simplesmente disponível. Não se pode simplesmente encontrá-lo como a informação. Não raramente uma longa experiência o antecede. Ele tem uma temporalidade completamente diferente do que a informação, que é muito curta e de curto prazo. A informação é explícita, enquanto o saber toma, frequentemente, uma forma implícita. (HAN, 2017, p. 75).

Somos estimulados à conferência contínua de um fluxo interminável de informação, sem tempo para ponderar sobre o exposto, muitas vezes sem filtro ou critério. Nossa percepção precisa ser cada vez mais desenvolvida para acumular as informações disseminadas e, em vista disso, enfraquecemos a capacidade de refletir sobre o que é informado. Dada a quantidade de informações veiculadas provavelmente nem teríamos condições para isso. Assim a experiência da análise e da crítica se enfraquece e com ela é mitigada também a própria experiência da verdade, entendida aqui enquanto conteúdo que emerge de processos de análise e verificação, se seguirmos o pensar moderno sobre a verdade.

Um dos instrumentos que associa a experiência do estar em rede com a produção e disseminação de informação é o *Google Glass*⁸, que “(...) se aproxima tanto do nosso corpo que pode ser percebido como parte do nosso corpo. Ele completa a sociedade da informação ao fazer com que o ser coincida inteiramente com a informação” (HAN, 2017, p. 79). Os óculos de dados *Google Glass*, que são comandados pelos movimentos da cabeça e por comandos de voz, se tornam uma extensão do sujeito e o interligam à *sociedade da transparência*. Tudo que se passa com o sujeito pode ser divulgado imediatamente, simultaneamente ao acontecimento: vídeos, fotos, localizações, atividades, tudo isso pode ser

⁸ O Google Glass é uma ferramenta de realidade aumentada em forma de óculos. Esse instrumento é capaz de fazer fotos por comandos de voz, transmitir informações entre usuários e até fazer videoconferências.

transformado em informação e disseminado pelos diversos canais de divulgação e consumidos pelos demais usuários. Assim, no entender de nosso filósofo, as tecnologias digitais de comunicação aprisionam o *homo digitalis* no regime de postagem e consumo de informação, sempre diversificando seus instrumentos.

O consumo contínuo de informações é gerador de incômodos psíquicos, como a SFI, síndrome da fadiga da informação: “Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades” (HAN, 2018, p. 104). Os usuários das redes digitais se prendem à oferta de liberdade e cultivo de seus perfis, mas em nenhum momento percebem-se aprisionados pelo esquema permanente de exposição e consumo de informação, às vezes nem quando se sentem fatigados. Há uma contradição no regime de exposição da rede, pois ela incita a individualidade afirmando a liberdade, mas escraviza os indivíduos no esquema expositivo e compromete seu potencial perceptivo, sua capacidade de análise e compreensão da facticidade.

Com Byung-Chul Han, diremos que tal como na modernidade ciência e técnica se associam, atualmente neoliberalismo e técnica estão decisivamente atravessados e atuam juntos para a manutenção do sistema assegurando a servidão dos indivíduos, embora que velada. Um dos imperativos comuns que os homens escutam é o da procura da autonomia e liberdade: vá em frente, se esforce, seja você um construtor da sua vida e alcance a liberdade. Para Byung-Chul Han, o homem sujeitado à vontade do proprietário dá lugar hoje ao *homem projeto*, que se convence de que é livre e único responsável pela sua vitória ou derrota na grande luta pela autonomia. Sobre isso, comenta o autor:

(...) encontramos-nos diante de uma situação paradoxal. A liberdade é a antagonista da coerção. Ser livre significa estar livre de coerções. Mas essa liberdade que deveria ser o contrário da coerção, também produz ela mesma coerções. (...) O sujeito de desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo.(HAN, 2018, p. 10).

Nesse sentido, não há uma forma de controle que é exercida de cima para baixo, expressando uma vontade que coloca em movimento a servidão no outro lado do esquema de força. Na sociedade atual, os sujeitos atravessados pelas tecnologias digitais coercitivas são, ao mesmo tempo, senhores e servos, exploram a si mesmos acreditando usufruir de uma pretensa liberdade e para atingir uma ilusória autonomia. O sistema neoliberalista atua

explorando as emoções, as representações subjetivas gerando anseios e metas a serem alcançadas pelos indivíduos.

Nessas condições, um contraponto ao sistema é comprometido à medida que os sujeitos acreditam serem eles mesmos os únicos responsáveis pela sua vitória ou derrota. “Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho”, diz Byung-Chul Han, “em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso” (HAN, 2014, p.16). Outrora, era possível levantar o questionamento e identificar as injustiças sociais. Atualmente isso tem encontrado inúmeros empecilhos que reunidos formam aquilo que o autor denomina de *psicopolítica*. No âmbito da *psicopolítica*, os mecanismos de vigilância e controle não são exercidos exclusivamente pelas instituições sanitárias ou disciplinares, mas os esquemas de vigilância e de controle se transferem para os meios digitais de comunicação. Sobre isso, nos fala Byung-Chul Han:

A liberdade e a comunicação ilimitadas se transformaram em monitoramento e controle total. Cada vez mais as mídias sociais se assemelham a panópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social. Mal nos livramos do panóptico disciplinar e já nos encontramos em um novo e ainda mais eficiente. Os internos do panóptico digital, comunicam-se intensivamente e expõem-se por vontade própria. Participam assim ativamente da construção do panóptico digital. O grande irmão digital repassa, por assim dizer, seu trabalho aos internos. A entrega dos dados não acontece por coação, mas a partir de uma necessidade interna. Aí reside a eficiência do panóptico digital. (HAN, 2014, p.19).

79

O autor explica que as novas tecnologias digitais de comunicação, ao promoverem a visibilidade e o consumo de conteúdos compartilhados, atuam em um novo regime de controle dos sujeitos. Esse novo esquema de controle é exercido pelos próprios usuários das redes digitais, pois que lhes aparece como imperativa a norma de estar em constante visibilidade e interação em rede. Esse novo regime de controle se diferencia dos esquemas tradicionais de disciplina justamente por esse novo fator do próprio usuário como executor da vigilância contínua. O usuário dos sistemas digitais de comunicação tanto produz como consome informações; sua percepção e atenção devem ser expandidas para manter-se em observância o tempo todo, muitas vezes bastando o sinal sonoro ou a vibração de um dispositivo para convocá-lo ao retorno da vigilância. Essas características sintetizam a moldura formal dos novos esquemas de aprisionamento dos sujeitos. O conteúdo veiculado nesses meios de interação traduz a lógica do ideal de eu capaz, autônomo, livre e produtivo. Parece que publicar as conquistas torna-as mais reais, faz com que elas sejam de fato verdadeiras porque introduzidas no regime de *positividade* descrito por nosso filósofo. Esse

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p.68-81
--------------------------	-------	-------	--------------------	---------

duplo esquema, em forma e conteúdo, é o que define a *psicopolítica* que Byung-Chul Han almeja demonstrar como novo movimento de controle do homem contemporâneo participante da civilização tecnológica.

4. Considerações finais

A técnica, entendida como disposição instrumental e inventiva com a qual o homem interage com o meio, tem mostrado ao longo da história feitos relevantes para a melhoria das condições de vida. Seu predomínio, entretanto, não se vincula unicamente ao atendimento das necessidades e ao favorecimento das condições existenciais das pessoas. Pensadores preocupados com o fenômeno tecnológico, como Jonas e outros trazidos à reflexão nesse trabalho, mostram o quanto o modelo técnico que emergiu na modernidade é utilizado também para o controle dos sujeitos e o reforço de processos de servidão.

Complementando essas reflexões, as análises apresentadas dentro da obra do pensador sul coreano Byung-Chul Han nos evidenciam como o atual repertório de meios tecnológicos atua sobre a subjetividade dos indivíduos propagando novas formas de controle. A crítica atual deve assim se voltar também para essa nova face dos processos de servidão, na qual os indivíduos são convidados a exercer eles mesmos o controle pela visibilidade e exposição. A grande contradição desvelada pelo filósofo está no fato de que essas tecnologias de comunicação são apresentadas como meios de promover a liberdade de expressão e o cultivo da individualidade, mas que acabam resultando no aprisionamento e controle de seus usuários, chegando a modular ou influenciar em suas escolhas e tomadas de posição, isto é, interferindo na própria autonomia e capacidade de agência. A pesquisa social crítica tem, assim, um campo vasto para explorar, sobretudo porque essas novas tecnologias atuam rapidamente na transformação dos cenários sociais.

80

Referências:

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede V. 1.** A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREUD, S. **Obras escolhidas volume 15:** Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 – 1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 17	Maio - Agosto 2020	p.68-81
--------------------------	-------	-------	--------------------	---------

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

_____. **O que é poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

JONAS, Hans. **Ensaio Filosófico**: da crença antiga ao homem tecnológico. Tradução de Wendell Evangelista Soares Lopes. São Paulo: Paulus, 2017. (Coleção Ethos).

_____. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução: Marijane Lisboa e Luiz Barros Montes. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Técnica, medicina e ética**: sobre a prática do princípio responsabilidade. Tradução: Grupo de trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Ethos).

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução de Ivone Moura Delraux. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.